AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor : JOSÉ OITICICA

Redação : RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

Administrador : MANUEL PERES

ANO IV — N.º 58 | Rio de Janeiro — Sexta-feira, 26 de Agosto de 1949 | Preço : Cr$ 0,50 | CAIXA POSTAL 4.588

SOCIALISMO LIBERTICIDA NOVAMENTE O PETRÓLEO

Por GERMINAL

Três decênios de governo comunista provaram claramente que o Estado soviético de modo nenhum evoluiu para o internacionalismo, isto é, para o socialismo, e sim para um Estado super-nacionalista e absolutista.

Seria muito interessante se pudéssemos observar como os traidores da revolução russa reagiriam se Lénine se levantasse do túmulo e repetisse, na Praça Vermelha em Moscou, as mesmas palavras que pronunciou por ocasião da revolução: "Nossa finalidade é destruir o Estado, destruir todo poder organizado, tôda violência contra o homem em geral". Que diriam os marechalíssimos do exército vermelho, os chefões da burocracia e os senhores da alta diplomacia se Lénine repetisse: "A burocracia e o exército são parasitas que entopem todos os poros da existência". As contradições são ainda mais chocantes quando consultamos as obras do fundador do sovietismo e verificamos suas opiniões sôbre o papel do Estado; no seu livro "Estado e Revolução", escreve Lénine: "Só a sociedade comunista quebrará a resistência capitalista — só depois que os capitalistas desaparecerem acabará também o Estado, só então será possível falar de liberdade, pois a democracia começará a morrer graças ao fato simples de que o povo, livre da escravidão capitalista, aliviado de inúmeras barbaridade e infâmias, sofridas durante a exploração, devagar se acostumará a observar as regras elementares da vida social; conhecidas desde séculos e repetidas nos

livros escolares durante milhares de anos. O povo acostumar-se-á a viver sem violência, sem opressão, sem subordinação, sem um maquinismo especial de opressão, que se chama Estado". Mas, em seu livro "As Tarefas Próximas", lemos: "Pois que não somos anarquistas, devemos adotar e admitir a necessidade do Estado (*sic*). Por isso, não existe nenhum contraste, em princípio, entre o Soviete, quer dizer, entre a democracia socialista e o uso do poder ditatorial por alguns indivíduos".

Para comparar a teoria com a triste realidade, convém citar alguns trechos mais característicos dos livros do fundador da escravidão russa: "O comunismo tornará o Estado completamente desnecessário, porque não existirá mais ninguém para oprimir, ninguém no sentido de uma classe, no sentido

(Conclui na pág. 2)

Voltou à baila a questão do petróleo. Escreve-se muito, fala-se ainda mais. O problema é dissecado até a medula. Gastam-se, novamente, rios de tinta, caudais de saliva. A grande e a pequena imprensa dedicam-se ao assunto, com ardor. Generosamente, o dinheiro circula. A Standard Oil aluga páginas e páginas afim de enaltecer as suas próprias *benemerências*. No Senado, na Câmara, apresentam-se projetos, votam-se moções, trocam-se amabilidades ou insultos. Uns defendem a exploração do petróleo pelo Estado, outros querem entregá-la ao capitalista nacional, outros preferem o estrangeiro. Há também soluções mistas.

Exalta-se o patriotismo, argumentando-se que os países que não exploraram por si mesmos o seu petróleo vivem num atraso deprimente. E citam a Venezuela, o Iraque... Os defensores da participação estrangeira respondem que no Brasil não há dinheiro suficiente, nem técnicos capazes. Aqueles que se opõem à intervenção estatal apresentam como exemplos o Lloyd Brasileiro, a Central e tantas outras emprêsas que provam à evidência o péssimo administrador que é o Estado. Êste, porém, também encontra quem o defenda, como os socialistas, que até hoje não aprenderam a distinguir entre socialização e estatização (ou nacionalização). Partidários do monopólio estatal são igualmente os adeptos do extinto P. C. B., por vários motivos: em primeiro lugar, porque, para êles, o Estado é tudo, e por conseguinte, devem ficar-lhe subordinados todos os ramos da produção, como acontece na U.R.S.S.; em seguida, porque dessa forma se opõem ao imperialismo norte-americano (não falam do imperialismo russo, que chamou a si a exploração do petróleo nos países satélites...). Há outra razão, ainda, para que os stalinistas mostrem tanto interêsse pela questão do petróleo: é mais uma oportunidade para se evidenciarem, fazerem barulho e aumentarem a confusão.

No meio de tudo isso, que pensam os anarquistas? Qual a sua posição?

Achamos natural que os capitalistas, os políticos, os burocratas, os comunistas autoritários, se preocupem tanto com o assunto. Todos têm interêsses a defender, vantagens a tirar. Mas ao povo, ao trabalhador, que importa qualquer das soluções propostas? E'-lhe indiferente que o "ouro negro" seja explorado pelo Estado ou pelo capitalista, seja êste nacional ou estrangeiro. Em todos os casos, do petróleo, o povo só receberá os encargos de o extrair, de o transformar, de o transportar. Os ganhos, como sempre, irão para uma minoria esperta e sem escrúpulos, chame-se ela burguesia ou burocracia. E os trabalhadores continuarão como até agora: trabalhando, trabalhando...

Cuidemos, pois, de outras coisas, mais úteis. Não nos deixemos desviar do nosso verdadeiro objetivo: o estabelecimento dum mundo melhor, sem governantes e sem capitalistas, um mundo em que o petróleo seja um bem coletivo, que a todos beneficie, em vez de ser um factor de guerras, de revoluções, de crimes de toda espécie. Então, sim, poderemos apresentar uma solução anárquica: organizar-se-ão comunas especializadas na extração e transformação do petróleo. E êste, depois de suprir as necessidades locais, irá, por um sistema racional de trocas, servir os produtores de outros lugares, quer do Brasil quer de qualquer outra parte onde seja necessário.

Afonso A. Vieira

ESCUTA, OPERÁRIO BRASILEIRO!

por Morales Guzman

Escreve-te estas linhas um operário como tu, mais um explorado desta sociedade, repleta de gente que consome do bom e do melhor que existe na terra, e que, em realidade, nada útil produz, nem para êles nem para nós, operários do músculos e do cérebro.

Depois de haver terminado a jornada de exploração, é, nas minhas horas de repouso, que te escrevo, operário brasileiro, pondo, em cada uma destas letras, o mais nobre e generoso do sentimento que brota e palpita em meu coração. A minha dor e a tua, fazem com que eu pegue a pena e me dirija a ti, esperando que saberás medir minhas palavras com os atos que cada dia realizas no trabalho, no lar e entre teus amigos. Recebe estas linhas com o mesmo carinho e estima com que estão escritas.

ESCUTA! A guerra futura é um fato que nem tu nem eu podemos evitar. As fábricas vomitam milhões de armas. A produção de aviões está calculada em mais de cinco mil por dia. Os tanques, em nada menos de um para cada dez pessoas. Os navios de guerras, em um por mês. Os fuzis e metralhadoras tantos quantas as folhas que existem nas árvores. Bombas há-as de todos os tipos. A última, que os sábios chamam de atômica, é um brinquedo ante o afã que existe entre "sábios" e homens de Estado, de construir outra cujos efeitos reduzam a pó não apenas uma cidade mas um país inteiro. Os sábios, quase donos da ciência universal, trabalham de dia e de noite para lograrem arrancar à sabedoria humana e ao progresso novos inventos para pôrem ao serviço do Estado e de capitalismo. Não sei se tu saberás que a Paz é um mito. Cada hora nasce um apóstolo desta doutrina chamuscada pela lábia de seus propagandistas. Não haverá paz enquanto as fábricas e o mundo inteiro se ocupem em trabalhar por e para a guerra. Não haverá harmonia social, enquanto em cada país existam classes e exploração do homem pelo homem. Que temos a fazer, nós, os operários de todos os países, se, amanhã, estalar a guerra capitalista?

ESCUTA! Se amanhã os Estados e com êles o capitalismo internacional, nossos eternos inimigos, lançarem a ordem de mobilização, devemos negar-nos a empunhar as armas que hoje, premidos pela fome, somos obrigados a fabricar. Se êles são os donos absolutos das armas, nós somos homens que ainda não perdemos a sensibilidade e o amor para com os nossos semelhantes. Os estados necessitam de nós para defenderem as riquezas que dizem ser dêles, (mas, em realidade, foi devido a nosso suor que se acumularam de um para outro século todos estes valores da produção), pondo-nos na frente destas monstruosas e sangrentas batalhas de fronteiras e de comércio. Que ganhámos nós os operários, com a guerra passada? Absolutamente nada. A fome e a miséria em teu lar e em todos os lares é cada dia maior. A exploraçã.o mais iníqua. As ditaduras não desapareceram da terra. O egoismo é cada vez maior. Os cárceres e hospitais, estão abarrotados de homens que lutaram pela liberdade e de carne machucada pelo rude trabalho. Então, para que intervirmos, tu eu e todos na próxima guerra? Que defenderemos, se não temos nem pão, nem pátria, nem propriedade, nem liberdade?

ESCUTA! Nem tu, nem eu, nem nenhum operário da terra temos fronteiras, fábricas ou terras. Somos os famintos; somos as vítimas; somos os que constantemente sofremos espancamentos e percorremos de cárcere em cárcere, de um extremo a outro do país. Ninguém nos quer e de todos os lados somos jogados. Muito pior que as bestas somos tratados. Para o capitalismo um animal tem mais valor que cem operários. E para o Estado um operário não passa de um pedaço de carne com olhos. E por que razão, sendo nós, para êles, tudo isso, vamos na próxima guerra defender suas riquezas, suas propriedades e seus filhos? Porque? Se em verdade representamos a fôrça que tudo move e tudo constrói, seria um crime, o crime mais horroroso dos cometidos, fazer a guerra a um irmão de nossas mesmas condições, só porque nasceu noutro país. Eles, como tu e eu, vivem enganados e sob a mais completa ignorância. Transformaram-nos em bonecos de papelão, mediante a propaganda do patriotismo. Desde meninos ensinaram a ti e a mim, que na terra existe um Deus e uma Pátria, simbolizados num pedaço de madeira e numa tela em cores. Que faremos, se tu, eu e todos, não somos nada diante do poder do capitalismo e do Estado?

ESCUTA, OPERÁRIO BRASILEIRO! Se és a fôrça que tem de manejar as armas que a ti e a mim vão entregar nossos inimigos, porque não nos unirmos para, em vez de ir contra nossos irmãos, dirigirmos essas mesmas armas contra os que por egoismo deixaram de sentir em seus corações o grandioso estímulo do sentimento? Pensa que depois de haver ganho êste ou aquêle país capitalista ou ditadura, viveremos da mesma maneira ou pior que agora; pensa que os cárceres e a degeneração continuarão existindo para ti, para mim e para os todos os operários; pensa que as guilhotinas continuarão cortando cabeças e que os juízes não tremerão ao assinarem as sentenças de morte; pensa que o sangue que correrá não será o sangue dos filhos dos capitalistas, será nosso sangue; pensa que os sábios trabalham para descobrir um aparelho que sirva para evitar os efeitos da bomba atômica, o qual será de quem o possa adquirir, e certamente não o poderemos nem tu nem eu; pensa que teu lar, o meu e o de todos serão destruídos e arrasados, nossos filhos assassinados e nossas irmãs e mulheres vexadas pela fúria dos homens enganados como tu e eu; pensa em tudo o que te digo, e medita esta noite quando te encontres entre os teus entes queridos. Medita, operário brasileiro, medita e reflete, irmão do Brasil!

A GUERRA ENTRE ROMA E MOSCOU

Ruge furiosa tempestade soprada do Vaticano, sôbre as cabeças dos idólatras que adoram o ídolo vermelho, imperante no Kremlin.

A Santa Sé, em tons dramáticos, expede decretos de excomunhão contra o "comunismo ateu". Um caso dêstes no fim do segundo quartel do século 20, é um espetáculo gozadíssimo! As excomunhões na Idade Média, mercê do ambiente místico da época, surtiam o efeito psicológico desejado, no espírito do povo embrutecido pelo fanatismo religioso: eram nuvens escuras, tempestades, que enregelavam de pavor as almas primitivas dos crentes. Mas, na era da bomba atómica, surgem com tonalidades pitorescas, esbatidas num fundo de ridículo anacronismo.

Não nos é dado saber, porque é segrêdo dos deuses, de que meios ou veículos se serve o Santo Padre, para levar essa pena eclesiástica através de países, mares e continentes, até atingir o âmago das almas dos incréus. São mistérios, cuja complicada engrenagem a Igreja nunca explicou e jamais explicará. Por isso receamos que essa terrífica punição seja aplicada à matroca, como, em geral, são os calamitosos castigos que irritadiças divindades costumam mandar sôbre os míseros pecadores, atingindo, invariavelmente, culpados e inocentes! Quando ouvimos rugir a voz enfurecida de Jehová através do ribombo do trovão; quando das profundezas dos céus vemos descer a luz sinistra do raio que fulmina, chamado "bem de Deus" — já sabemos que teremos de lamentar injustas desgraças! São pacíficos animais carbonizados; crianças inocentes fulminadas; igrejas derrubadas, no momento exato em que os fiéis, ajoelhados nas suas frias lages, elevavam, de suas almas devotas, humilde prece ao Deus misericordioso.

Ora, se a tal excomunhão vai ser atirada à-toa sôbre a massa fanatizada dos partidos comunistas, como Deus joga o raio sôbre as infelizes criaturas, por êle criadas à sua imagem e semelhança, desde já levantamos o nosso protesto contra o truculento decreto da Santa Sé.

Pela nossa parte não temos receio, não somos adeptos da doutrina moscovita; somos amantes da liberdade e odiamos tôdas as espécies de tiranias; somos irreverentes livres-pensadores, e, por isso, somos imunes ao efeito dessas ridículas baboseiras. Mas causa-nos dó o terrível conflito espiritual travado na alma obsecada dos comunistas católicos, em virtude da ameaça da excomunhão papal que, a ser efetivada, os levará, irremediavelmente, aos caldeirões ferventes de Belzebú. Cruel dilema moral o dêstes infelizes! Estão colocados, como sanduiche, entre os poderes do Papa Negro e os do Papa Vermelho.

Mas há comunistas católicos? — indagará alguém menos atento ao desenrolar dos acontecimentos políticos da atualidade. Há, sim, por mais paradoxal que pareça! E Sua Santidade deve saber disso, se ainda conserva o atributo da infalibilidade. Pelo menos, no Brasil, são numerosos. Comprovam esta afirmativa fatos eloquentes.

Em primeiro lugar, citaremos o caso curioso dum bispo, que num comício comunista se exibiu, espetacularmente,

(Conclui na 4.ª página)

Figuras do Anarquismo

PAULO BERTHELOT

Aí por 1907, apareceu na redação da "Terra Livre", no Rio de Janeiro, conduzido pelo dr. Medeiros e Albuquerque, então ainda estudante de medicina, um tipo curioso de esperantista, com a sua "verda stelo" no boné, vindo de Montevidéu. Era Paulo Berthelot, um parisiense de 27 anos, que falava velozmente o esperanto, sabia várias línguas, viajara meio mundo, e era conhecido entre os esperantistas por ter colaborado em algumas obras da língua de Zamenhof (entre elas um vocabulário) e também sob o pseudônimo de Marcelo Verema, na imprensa esperantista e libertária. E em breve se tornou familiar no nosso meio. A sua despreocupação, o seu desapêgo ao supérfluo, a sua sobriedade, a sua franqueza, por vêzes brutal; a lucidez da sua inteligência; a sua vasta cultura, muito especial em química, botânica e fisiologia; o seu conhecimento da idéia anarquista em todos os desenvolvimentos e o encanto da sua conversação conquistaram-lhe a estima de todos os camaradas do Brasil e a admiração de muitos estranhos

Medeiros e Albuquerque, distinto esperantista como êle e seu amigo íntimo, dizia depois, convictamente ao nosso malogrado camarada Neno Vasco, a quem devemos estas notas biográficas:

— "Não se avalia ainda bem entre nós quanto vale êste homem. É o mais extraordinário, mais completo, de mais largas e variadas capacidades e aptidões, que tenho visto de perto. O ideal anarquista tem muito que esperar do seu talento e do seu espírito de iniciativa". Infelizmente, pouca vida faltava ao nossa camarada Berthelot para confirmar esta fácil profecia.

Berthelot pertencia a uma família rica; mas, tendo ficado órfão bem cedo, o tutor esbanjara os bens paternos. Um resto que lhe ficara abandonou-o êle, depois, a uns parentes, a uma velha tia, segundo se crê. Fazia êle seus estudos médicos, quando, anarquista até o mais profundo do seu ser, abandonou a França, para evitar a caserna, onde se julgava sem feitio para uma propaganda e uma luta, que considerava, entretanto, úteis, com outro temperamento e outra constituição física. Viajou então por Espanha, Marrocos, Suiça, Argentina, Uruguai, etc. tendo aprendido o ofício de tipógrafo, de que se servia em caso de necessidade. No Rio de Janeiro foi como tipógrafo que começou, conquistando pouco depois, o lugar de professor de francês e esperanto na Academia Berlitz, onde de tal modo se distinguiu, que em breve lhe era espontaneamente dada a direção da Escola Berlitz de Petrópolis. Êste lugar perdeu-o, apesar de tôda a consideração que lhe era tributada, pela sua ousada propaganda antimilitarista num meio tão conservador como aquela cidade, residência de diplomatas e adidos militares.

Passou então um periodo de crise... até que por fim conseguiu dinheiro para voltar á Europa. Mas na véspera do embarque, uma professora de índios fala-lhe dos costumes, qualidades e docilidade dos seus discípulos selvagens e da fecundidade das terras por êles ocupadas. E ei-lo que, de acôrdo com um grupo de amigos, resolve pôr-se em contato com os selvícolas, estudá-los e estudar os lugares. Quem sabe se não seria possível aproveitar as tendências comunistas dos primitivos, conquistar-lhes o apoio e fundar nas suas férteis regiões uma colônia livre, que podia também ficar aberta aos perseguidos dos regimes de opressão?! Berthelot não conhecia a hesitação nem as delongas. Foi. A princípio acompanharam-no três camaradas; mas dois desistiram da viagem, logo nos primeiros dias, pouco depois de transposto São Paulo. O seu primeiro estabelecimento foi em Leopoldina (Estado de Goiás) à margem do rio Araguaia, a quinze dias da cidade de São Paulo. Ali começou a estudar os índios e a aprender-lhes a língua, obtendo um emprêgo para viver: o de inspector da navegação fluvial.

(Continua na 3.ª pág.)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A Educação e os Problemas Sociais

JOÃO LUIZ NEY

Todos sabemos que é preocupação do homem desfrutar a maior soma possível de bem-estar. E êste se traduz geralmente em confôrto material, tranquilidade de espirito e liberdade de pensamento e ação. O que a isso se opõe chama-se problema social. Constituem, pois, problemas sociais, entre outros, a miséria, as doenças, a fadiga e a ignorância de um povo. Para êsses tem sido inútil querer-se buscar solução na lei; êles exigem radical mudança da organização social, e esta vem-se, lentamente, forjando com o progresso, com a transformação dos espíritos, com a educação. O futuro de um povo depende mais da educação que se lhe oferece no presente do que de quaisquer outros fatores.

Não se compreende, portanto, que o educador se escuse a proporcionar a solução dêsses problemas. Fazê-lo é eximir-se da própria profissão, é tirar de si a sobrecarga de suas responsabilidades, ou ignorar que o futuro de uma criança e o destino de um povo não são passíveis de improvisação. Exigem os exemplos de todos os grandes educadores que, se não tivermos adquirido hábitos especiais de paciência, de afeição e de desinterêsse, se não nos tivermos encarregado primeiro da nossa própria educação, não nos aventuremos ao magistério. "Sòmente forjando-nos a nós mesmos é que adquirimos a arte de forjar os outros."

Êsse, o grande problema da educação no Brasil. Há carência de *professores* por não haver eficiência na sua formação, e essa não a teremos enquanto perdurar nosso sempre descomedido desequilíbrio social.

A sociedade moderna reclama flexibilidade intelectual e agilidade na adaptação; mas, isso não se obtém com o simples armazenamento de conhecimentos técnicos, e sim com o exercício da clareza e precisão do pensamento, da ordem e conexão do método, da argúcia e do interêsse pela pesquisa. E como fazê-lo o professor consigo e seus alunos, se a satisfação de suas primeiras necessidades requer aumento de suas horas de trabalho, requer serviço forçado? Como se aperfeiçoará o professor se, por mais que demande, não lhe restam, além das aulas, nem tempo nem energia para alargar seus horizontes, e proporcionar à sua inteligência que se associe ao movimento das idéias? Eis por que são raras entre nós as personalidades intelectuais e morais que fazem jús ao título de professor, quer primário, quer secundário, quer do curso superior.

O progressivo entorpecimento intelectual é manifesto. A fossilização é gradativa. Inibe-se o professor de possuir certa parcela de conhecimentos gerais e, muitas vêzes, dos conhecimentos que leciona, e ei-lo forjicando uma geração, malbaratando as energias e a boa vontade dos que lhe assistem às aulas, que se vão tornando meras repetições, sem interêsse para o mestre e muito menos para o aluno. Por fim, a indolência o domina e êle adormece sôbre sua já desvitalizada bagagem intelectual. Falecem a paixão da pesquisa e o interêsse pela verdade, e sua profissão passa a ser a pior de todas as profissões, a mais desinteressada e, por isso, a mais cansativa.

Contra êste lastimoso fim, impõem-se duas soluções: ou esperar e proporcionar a completa transformação social, ou condicionar a vida do professor ao menor número de aulas diárias com remuneração que lhe possibilite um nível de vida capaz de lhe permitir tomar o magistério por sua real *vocação* e não por mera *carreira*.

Não solucionar êsse problema é, a um povo, estar fadado a não solucionar nenhum de seus problemas sociais, é experimentar a miséria, é estar marcado de tôdas as doenças, é curvar-se de fadiga, é não rasgar as vendas da ignorância.

O professor, porém, é apenas uma face do grande problema de nosso ensino. A esta se segue a dos programas, a dos exames, a dos colégios oficiais e a dos internatos.

Deixemo-las para futuras oportunidades.

"A PLEBE"

Completou mais um ano de lutas pelo ideal anarquista êste nosso estimado colega de S. Paulo.

A Edgard Leuenroth, que o dirige, e a todos que nele trabalham, enviamos nossas afectuosas saudações.

"TRAPO AZUL"

Romance de ROMEU CORREIA
Edição do Autor — 1948
Portugal

O autor de "Trapo Azul" é jovem; contudo já enriqueceu as letras portuguesas com duas obras de mérito: a novela "Os Gregos", que mereceu o 1.º prêmio dos Jogos Florais Acelistas de 1942, e "Sábado Sem Sol", contos.

"Trapo Azul" é mais um livro seu. Romance de costumes, revestido de acentuado fundo social. Reside nisso o maior valor do livro. Nos tempos tumultuosos em que vivemos, em meio à luta sem tréguas entre a burguesia e o proletariado, não se justifica a arte alheia aos problemas sociais. O homem de pensamento é levado a escolher sua posição pró ou contra o capitalismo esmagador do sublime ideal de igualdade humana.

Romeu Correia alia-se à última corrente, a dos oprimidos, a dos idealistas. Daí recrutar seus personagens entre os filhos do povo. Pinta a vida de miséria e sofrimentos que os desniveis sociais impõem aos que militam nas fábricas e oficinas. Escreve apenas o que permite a censura de seu país asfixiado pela ditadura político-religiosa. Mas, nas entrelinhas, pode-se perceber o alto sentido social da obra. Sentimos, através de suas páginas regorgitantes de humanismo, que o autor refreia constantemente seus gritos contra as injustiças sociais que aniquilam um povo laborioso.

Romeu Correia, em "Trapo Azul", é um cicerone a serviço da libertação humana. Inconformado com as falsas grandezas criadas em tôrno de sua terra pela propaganda política, mostra-nos a realidade dolorosa da vida dos que trabalham para proveito dos parasitas. É como se bradasse: "Vejam o Portugal dos trabalhadores! ..."

"Trapo Azul" é um romance de atualidade. A sua ação poderia desenrolar-se em qualquer outro lugar onde a burguesia oprime o proletariado, isto é, na quasi totalidade dos países chamados civilizados. O combate aos fenômenos sociais que ainda assolam a sociedade, impedindo a felicidade dos povos, faz de Romeu Correia um bandeirante da nova arte portuguesa.

RAUL VITAL

"AÇÃO DIRETA"

Mais uma vez apelamos para que os companheiros e simpatizantes não deixem de auxiliar nosso jornal. Embora a venda nas bancas tenha aumentado, isso pouquíssimo influi na receita. Cada exemplar de "Ação Direta" custa-nos oitenta centavos e por cada um que se vende nas bancas recebemos apenas trinta centavos. Temos de contar, pois, principalmente, com as contribuições fixas e os donativos. Aqueles que desejem contribuir mensalmente, mas não possam vir até nós, escrevam-nos dizendo onde e quando podem ser procurados para êsse fim. Cuidemos também de angariar novas assinaturas, cujo preço é de Cr$ 30,00, por ano.

Correspondência para a Caixa Postal 4588. Valores em nome de Manuel Peres Fernandes.

Socialismo Liberticida

(Conclusão da 1.ª página)

de uma luta sistemática contra determinada parte da sociedade". "Enquanto existir o Estado, não haverá liberdade, se houver liberdade, não existirá mais o Estado".

À pergunta "De que maneira morrerá o Estado comunista?" respondeu: "Não sabemos de que modo isso acontecerá, mas sabemos que um dia morrerá, pois, com o exército e com a burocracia, desaparecerá também o Estado."

Que sabedoria! Os fatos provaram suficientemente que a experiência marxista gorou por completo. Lénine acentuou sempre que o mal originário da sociedade é o capitalismo. Nós temos convicção diversa, pois com a abolição do Estado desaparecerá também o capitalismo. Trinta anos após a criação do primeiro Estado marxista, desenvolveu-se, na União soviética, o maior Estado nacional, com uma burocracia poderosa, com o maior exército e um aparelho policial incomparável para controlar cada indivíduo, com uma nova hierarquia social, com direitos e salários extraordinários para os privilegiados.

O desenvolvimento industrial na Rússia é um fato que não queremos negar, mas isso não tem nada absolutamente com o socialismo, porque os Estados capitalistas fizeram, com meios menos draconianos, progresso idêntico, se não maior. É fato notório, e o marechal Stalin não o pode negar, que os trabalhadores vivem nêsse paraíso marxista, sob condições muito menos favoráveis que nas democracias e que existe lá a escravatura como nos tempos dos faraós, isto é, 6.000 anos antes de nossa era. Os sindicatos nada mais são que instrumentos do Estado e nada podem fazer para melhorar as condições de vida. É um socialismo que se defende com uma polícia secreta, campos de concentração e execuções em massa. Que resta das teorias de Lénine e das conquistas feitas durante a revolução? Em que consiste êsse socialismo que precisa de ser defendido com meios medievais? Onde estão os princípios fundamentais da justiça social? Os lacaios de Stalin de tôda parte afirmam que, na Rússia, não existe mais propriedade privada, e os crédulos aceitam essa mentira. Mas, que dizem os trabalhadores russos a isto? Quais as suas condições sociais?

Como foi demonstrado em número passado de AÇÃO DIRETA, são as piores possíveis, devido ao elevado custo de vida.

Os parasitas: os generais, diplomatas, funcionários públicos, etc., ganham fortunas. Grande parte trabalha em diversos empregos e alcança, desta maneira, ordenados elevadíssimos. Não acreditamos que todo êsse dinheiro caia do céu; é, antes, produto da exploração do homem pelo Estado. Que pode um indivíduo fazer com seu dinheiro? Isso não é pergunta para o trabalhador, pois êle vive em piores condições que um animal. Mas o parasita pode depositar suas economias num banco, que paga juros de 4 a 6 %; pode comprar automóvel de luxo, pode mandar construir ou comprar um palacete e mandar seus filhos à universidade, que está fechada para os que não podem pagar.

Vejamos agora as condições de trabalho. O trabalho constitui um sacrifício sem igual. Por causa de um atraso de cinco minutos ou de produção insuficiente, o Stakanov (feitor) tem o direito de despedir o operário. E, como castigo, o trabalhador perde seu cartão de racionamento e o direito de habitação. O trabalhador é obrigado a deixar sua carteira de trabalho no escritório da fábrica ou oficina, que anota nela tôdas as faltas e defeitos do seu portador. Todo trabalhador que se atrasa mais de cinco minutos, que trabalha pouco ou que sai da fábrica antes da hora é punido com trabalhos forçados em campo de concentração.

A constituição de 1936 estabeleceu, de novo, os privilégios dos filhos dos ricos. Pelo seu art. 10 tem cada indivíduo o direito de adquirir bens. Foi também renovado o seguro de vida. Tudo isso significa a renúncia total da igualdade de nascimento, bem como da social, reconhecendo-se a proteção da riqueza para os filhos e netos. Daí resulta a sanção jurídica dos direitos de uma classe protegida e privilegiada pelo Estado. Vejamos, agora, as condições da educação. Um decreto de 2 de outubro de 1940 taxou a anuidade escolar entre 150 a 200 rublos para as crianças. Um mês depois da publicação dessa lei, devia ser pago o primeiro trimestre; 600.000 filhos de trabalhadores e camponeses, que não podiam pagar tal quantia, foram obrigados a deixar as escolas.

Um decreto de 23 de agôsto de 1943 criou, para os filhos dos altos funcionários e oficiais, escolas-modêlo. O filho do trabalhador, que não pode pagar, é forçado a frequentar um curso de 4 anos onde o trabalho é obrigatório. O resultado é que o filho do obreiro fica sempre obreiro enquanto o filho do privilegiado começa uma carreira que lhe assegura automàticamente uma posição no Estado e na sociedade.

O Estado marxista organizou tudo isso em nome do socialismo, para favorecer uma nova classe de privilegiados. Como se vê é o domínio de uma classe em que o Estado representa o papel do explorador.

O govêrno criou uma nova superclasse de militaristas, políticos e técnicos que têm na mão a alavanca do Estado e isto representa a Ditadura da Mentira ou a obra prima de Marx.

O Anarquista

(Conclusão da 4.ª página)

serão suprimidas. Pois bem, numa sociedade assim, onde não existirão mais os elementos de corrupção e onde para complemento da obra das casas de ensino e Centros de Cultura, se introduzirá a salutar prática das preleções, isto é, das conferências públicas ao ar livre, sôbre temas educativos e instrutivos, assistidos por milhares de ouvintes interessados, a Humanidade há de evoluir cada vez mais, até alcançar o mais alto gráu de cultura e de perfeição moral. Portanto o Anarquista que luta pelo advento de uma sociedade tão bôa assim não é nenhum malfeitor como dão a entender os interessados em desvirtuar a verdade, mas um grande apóstolo do bem.

Zeferino Oliva.

CURSO DE LITERATURA

Prof. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

10. O RITMO NA PROSA

1. E' ponto de todo aceito, desde a antiguidade, haver ritmo na prosa. Todo estudante de latim sabe o que é o *número oratório* de Cícero, ritmos cadenciados na prosa, mormente nos discursos, com regras por êle fixadas.

As escolas medievais conservaram certas regras rítmicas a que chamaram *cursus* com subdivisões: *tardus* (dipódia dactílica); *velox* (dáctilo mais anapesto); *dispondaico* (péon 1.º mais troqueu) finalmente o *planus* (dáctilo mais troqueu).

O interessante é considerar que muitas *cláusulas* (isto é, fechos de período) refugadas por Cícero, sejam belas para nós. Reprovava o dáctilo e o coriambo finais. Mas, a ninguém repugnaria, por exemplo dizer: "A política, senhores, tem dessas inclemências *trágicas*" com cláusula dactílica, ou: "E o lenço branco insistia ao longe no seu *último adeus*", com final coriâmbico.

2. Entretanto, os retóricos clássicos firmaram o conceito de que o ritmo da prosa deverá ser diversíssimo do ritmo poético, chegando ao ponto de formularem uma regra rígida: deve-se evitar, na prosa, qualquer ajuntamento de palavras que dê verso.

3. Porém, Antonio Feliciano de Castilho, em seu *Tratado de metrificação* pesquisou exatamente o contrário. Cônscio do *número* em prosa, procurou ver quais versos mais abundantes apareciam nos autores. Já nisso pecou um tanto, porque o mais essencial não é procurar os *versos* senão os *ritmos*. E' bem verdade que, decepando a prosa em versos, fácil nos é atinar com os ritmos dentro dêsses versos. Porém, Castilho adotou um processo de todo ponto falso.

Diz êle (p. 57 da 4.ª ed., 1874, revista e aumentada por êle): "Eis aqui como eu procedi nesta investigação. Tomado sem escolha um trecho em prosador português legítimo, procurei que versos de doze sílabas se continham nele. Afim de que nenhum me escapasse, procurei se, começando pelas primeiras palavras e continuando pelas próximas seguintes, descobria um; passava a fazer igual diligência desde a segunda palavra àvante; depois desde a terceira, e assim por diante, até o fim do trecho, tomando apontamento do número de versos que descobria; idênticamente a respeito do metro de onze sílabas e, assim, até ao de duas. Não deixei de considerar palavras, para começar por elas cada medição, os monossílabos, artigos ou conjunções ainda que se elidissem. Do pensamento nenhum caso fiz, mas só da forma material em relação ao ritmo; não chamei só versos aos excelentes por sua cadência; admití os frouxos e duros, com sinéreses e diéreses, com hiatos e absorções quase insofríveis; entretanto, sempre rigorosamente metros".

4. Tão arrasador trabalho nenhum fruto pôde realmente dar com essa extranha concepção de ritmo em prosa. Vou dar uma idéia do que fez Castilho, porque o enorme do êrro serve para apurar o conceito exato. Suponhamos êste primeiro período de um exórdio de Vieira: "O maior mal de todos os males (não digo bem), o mal que só é mal e sumo mal, é o pecado".

Castilho contaria: *o maior*, verso de três sílabas; *o maior mal*, verso de quatro sílabas; *o maior mal de todos*, seis sílabas; *o maior mal de todos os males*, nove sílabas, e assim até atingir doze. Depois, voltava e ia contando: *maior*, duas sílabas; *maior mal*, três sílabas; *maior mal de todos*, cinco sílabas; *maior mal de todos os males*, oito sílabas, etc. até doze. Tornava a contar: *mal de todos*, três sílabas; *mal de todos os males*, seis sílabas, etc., etc.

5. A ninguém poderia lembrar, se possa iniciar um ritmo, um verso, digamos, em meio de período, em meio de frase. E' de tôda evidência que o trecho transcrito só terá *um* ritmo, *uma* separação possível de versos, ainda que, segundo o modo de ler, suceda uma que outra vez, concorrência de ritmos.

O citado trecho daria: *O maior mal | de todos os males | não digo bem | o mal que só é mal | e sumo mal | é o pecado*. Teríamos a seguinte sequência: 4, 5, 4, 6, 3.

6. Estatística talvez proveitosa seria a de, após longa série de trechos, apurar a média dos versos preferidos; porém, a contagem rítmica operar-se-ia, como fiz, pelos conjuntos de emissão natural, onde se casa a estrutura com o conteúdo declarativo.

A mais eloquente, entretanto, seria a estatística dos *pés*, dos pés recolhidos nos conjuntos de emissão, fôssem ou não versos aceitos.

No trecho dado, apurar-se-ia:

o maior mal . . — — jônico menor.
de todos os males . — . . — anfíbraco e jambo.
não digo bem . — . — dipódia jâmbica.
o mal que só é mal . — . — . — tripódia jâmbica.
o sumo mal . — . — dipódia jâmbica.
é o pecado — . — crético.

com superioridade clara do pé jambo, até em sequências.

O estudo assim feito talvez revelasse alguma surprêsa, mas não creio compensadora.

7. O francês Pius Servien vangloria-se de haver achado, reformando quanto se fez antes, o processo científico de ir ao âmago da rítmica francêsa ou qualquer outra, penetrando na prosa, não mediante o verso, mas diretamente.

Já vimos a falsidão do seu processo, iniciando os rítmos sempre por átona e parando onde quer que haja tônica, com suspensão ou sem suspensão do fluxo oracional.

No trecho acima, o primeiro fluxo: *o maior mal*, ou seria contado *o maior*, anapesto, e depois *mal*, sózinho, formando ritmo *um*, ou daria: *o maior mal*, com único acento em *mal* e ritmo péon 4.º, que êle contaria com o n.º 4.

Ora, isso nunca foi ritmo. Se a base, como êle reconhece, é a sílaba tônica, pararemos nela quando ela terminar o fluxo elocutivo e não só por ser tônica. Assim, no verso de Bilac: *Pálida, Vênus se levanta*, absurdo seria contar *pa* 1, *lida Vê* 3, *nus se levan* 4, e representar o ritmo por 1 3 4, como o faria Servien. Tudo mostra que a divisão seria: *Pálida | Vênus | se levanta* o que daria: *dáctilo*, mais *troqueu*, mais *anapesto*.

Repito: não podemos sair dos gregos na contagem e denominação dos ritmos.

8. Em meu *Manual de Estilo*, p. 87, disse eu: "Sabendo metrificar bem, podemos prosseguir no estudo da harmonia em prosa. Êste exercício é preciosíssimo, não sòmente para obter-se excelente ritmo, como também para a arte da leitura. Não conseguirá ler bem, o que fôr incapaz de perceber os ritmos dos períodos".

Indicam-se aí as excelências práticas dêsse conhecimento: *a*) assimilação do sentimento rítmico; *b*) apuramento da leitura em público.

Isso para ginasiais. Para os amantes da literatura, há também a possibilidade de penetrar conscientemente nos segredos do fascínio estilístico de cada autor. Sabemos quanto a harmonia, o estilo, o *número* dos antigos, concorre para isso e é clamante o exemplo de Flaubert insatisfeito sempre com as cadências dos períodos.

9. O processo por mim assinalado, capacita o escritor não sòmente para averiguar porque tal ou qual trecho *cai* bem ou mal, como ainda serve de seguríssimo guia no compor seus escritos com ritmo aceitável, senão estuante.

Podem-se ver os exercícios no *Manual de Estilo* e aprender aí, quemquer, o modo de proceder.

Isso é tanto mais digno de estudo, quanto a prosa tem suas exigências a que é forçoso atender.

Muitos acham (não falo dos modernistas que andam nisso com sesquipedais antolhos), acham muitos ser a prosa, nisso de ritmos, mera questão de ouvidos.

Outros, como Castilho, embora cônscios de uma rítmica prosaica, opinam que, até no verso, tine mal o excesso de asseio, e escreve: "A maioria de um poema deve ser versos bons; entre êsses devem aparecer alguns ótimos; mas, de envolta com os bons e ótimos, não só podem, senão devem coar alguns, não rigorosamente frouxos ou duros, mas de menos melodia e primor; são como os escuros na pintura, como os recitativos na ópera; são os intervalos que realçam os prazeres".

Ora, a verdade é que os escuros na pintura não são desprimor, nem processo para realçar claros, nem são descaídas para salientar qualquer cousa; tanto valor, tanta ciência, tanta expressão têm, quanto os pormenores mais significativos. Verdade é, também, que as óperas renegaram do recitativo e, se o renegaram, é que não valiam muito.

Supôr necessários deslizes ou fraquezas numa obra para apreçar essa mesma obra é contradição flagrante. Seria desejar faltas de gôsto em Bach, autor de quem disse Claude Debussy ser o único onde em vão se catará uma. Não é muito melhor ter ficado êle, para todo artista, um símbolo adorável de perfeição?

10. As exigências da prosa não estão catalogadas. Indico apenas algumas: *a*) a sequência dos versos tem de ser assimétrica, isto é, uma prosa artística tem de ser polimétrica; *b*) deve-se evitar cuidadosamente a rima nas pausas; *c*) dar preferência ao *ritmo par*, associar os ímpares aos pares de tal modo que o conjunto seja par; *d*) evitar sequências ímpares, como a dipódia ou tripódia anapéstica, quase sempre insuportável.

Os exercícios, além de tudo, relevam muito para tornar os ritmos subconscientes. Seria cômico, exaustivo e torturante, estar o escritor a contar nos dedos versos e pés para ritmar sua prosa. Mas, a experiência mostra que poucos autores logram êsse indizível encanto fraseológico, todo consequência de equilibrada harmonia. Para obtê-la, integrá-la em si, ser ela, muito importa, ainda para os bem dotados, exercitar-se o mais possível, corrigir-se conscientemente, torná-la não tirânica megera, senão dócil fada mágica, suscitadora de espelhantes gemas e perfumes requintados.

A seguir: Ponto 11: *Aprendizado do estilo. Estruturas equivalentes. Valor dos exercícios de tradução.*

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

OS PREÇOS NA COOPERATIVA

P. FERREIRA DA SILVA

Tratando do funcionamento da cooperativa, cujo papel será o de distribuir produção própria ou gêneros adquiridos mediante a troca pelo padrão-moeda, chegamos infalivelmente ao ponto em que é necessário cogitar dos preços de tais gêneros que são objeto das transações entre a cooperativa e seus beneficiados. O preço, em regime capitalista, é o resultante de fatores por vêzes os mais diversos. Entra em conta o custo da matéria prima, a quota de salário, uma determinada taxa destinada a todos os gastos do estabelecimento e impostos, e entra finalmente a taxa de lucro, essa taxa que é o tributo pago ao capital e que só pode ter limites na ambição do capitalista ou nas barreiras da concorrência.

E' precisamente a concorrência, ou a falta de concorrência, que geralmente mais influi nos preços, já que o custo real dos artigos ou o seu valor como utilidade pouco importa aos propósitos de ganho de industriais ou comerciantes. Ora, na cooperativa sem lucros, outros haverão de ser os fatores determinantes do preço a pagar pelo consumidor.

Os cálculos, matemáticos ou arbitrários, para estabelecimento de preços, constituem, não o contestamos, ociosa preocupação que uma distribuição livre e um livre acesso aos produtos dispensa, em regime anarquista. Fazemos esta ressalva para acentuar, mais uma vez, que nos encontramos na hipótese de uma atividade desenvolvida dentro do sistema de trocas que tem a moeda por veículo, embora com objetivos de emancipação econômica igualitária e preparação social anárquica.

De resto, não é apenas o sistema libertário que dispensa os preços. Se o valor do artigo está em relação com a sua utilidade, o essencial é adquirir aquilo que se necessita, sem olhar ao valor do que se dispensa para dar em troca. A comunidade tem uma quantidade de metal precioso que extrairá da terra na sua região e precisa de uma quantidade de trigo para o pão que consome. O trigo que não tem, vale todo o ouro de que não precisa. Êste critério deixa de ser exclusividade de anarquistas, se nos lembrarmos da prática de povos primitivos que algum dia uma câmara cinematográfica registou e nos reproduziu na tela do cinema ante o espanto de muitos cérebros cheios de ciência e civilização. Lá para as lonjuras do Alaska ou do Polo Ártico, há homens que vivem da caça e não conhecem senão as necessidades rudimentares. Vão até êles os civilizados buscar peles, e levam coisas para trocar, porque dinheiro ali nada vale. Num dos postos de permuta, um esquimó procurava o que mais lhe conviesse para trocar pelas suas peles curtidas de animais polares. Apanhou um disco de gramofone, mirou e remirou aquela cousa desconhecida, e levou-o aos dentes para trincar. Não era de comer. Rejeitou-o.

Dentro da atual economia capitalista, com a teoria do custo, o disco de gramofone vale mais do que um biscoito. Mas o esquimó teria dado as peles por uns biscoitos e não as deu pelos discos.

O anarquismo não quer fazer-nos regredir à mentalidade dos esquimós. Organizaremos uma sociedade em bases econômico-científicas, pelo que as utilidades terão o valor das necessidades e os artigos ou produtos servirão como parcela de cooperação de uma comunidade às outras. Mas essa mesma cooperação, praticada ainda na sociedade capitalista por meio da associação de consumidores ou produtores, com o fim de aproveitamento integral dos valores econômicos sem alimentar intermediários ociosos, tem de ser feita à base de preços estudados, de cálculos econômicos que a cooperativa adotará como norma de seu funcionamento.

Assim, deixemos de parte quaisquer rodeios e digamos claramente que a cooperativa tem de comprar por um preço e vender por outro. O contrário seria inevitavelmente a ruina imediata da organização. O que se tem de fixar é uma norma racional para tais preços.

Já ficou explicado que o fundo social será o capital de instalação da cooperativa, o seu patrimônio fixo ou permanente; que as quotas reembolsáveis constituem uma espécie de capital flutuante, destinado a incrementar as operaçes sociais; e que um e outro não podem, portanto, ser consumidos nas despesas de funcionamento.

Estas despesas de funcionamento, despesas administrativas, têm de ser cobertas com uma taxa aplicada sôbre o preço de custo dos artigos.

Esbocemos pois o critério de fixação dos preços.

Em primeiro lugar, determina-se um período de vigência dos cálculos aplicados, segundo as condições do comércio local e o volume previsto das operações normais da cooperativa. Do preço de custo ao preço corrente vai uma diferença que se dividirá em taxa de administração e quota de manutenção. A taxa de administração é a percentagem julgada necessária para as despesas de funcionamento da sociedade. A quota de manutenção é a quota reembolsável, que o consumidor deixa em poder da sociedade ao adquirir o produto, e que lhe será devolvida dentro de determinado prazo.

Haverá pois um preço de custo, um preço de entrega e um preço corrente. O preço de entrega é o preço de custo mais a taxa de administração. O preço corrente é o preço de entrega mais a quota de manutenção.

Ao preço de custo, rigorosamente exato, adiciona-se a taxa de administração, calculada para o mínimo possível. O preço de entrega resultante será inferior ao preço corrente no mercado comum. A diferença entre o preço de entrega, o verdadeiro preço da cooperativa e o preço corrente no mercado comum, constitui o benefício do consumidor e será por êste entregue à sociedade, mediante recibo no ato da aquisição do artigo, como quota de manutenção reembolsável nos termos que já expusemos, constituindo o fundo ou capital secundário, flutuante.

Desta forma, o consumidor desembolsa realmente o preço corrente do mercado comum, mas vem a rehaver mais tarde a diferença a seu favor. E ao fim de cada período, o resultado excedente será levado em conta para reduzir a taxa de administração no período seguinte, e por consequência o preço de entrega, tornando portanto maior o benefício da quota reembolsável. Esta será, porém, reduzida ou extinta logo que o permita a situação da cooperativa, afim de que o preço de entrega possa ter a necessária influência no mercado e no combate aos preços do comércio particular, ampliando os benefícios da cooperativa indiretamente a todos os consumidores.

ADIANTE!

Vindo de onde saimos para onde nos encontramos, comparando o que fomos e o que somos, pode calcular-se aonde chegaremos e o que seremos amanhã. Habitávamos a caverna, e já vivemos no palácio; rastejávamos nas trevas da bestialidade, e já sentimos a batida vigorosa de asas interiores que nos levantam a regiões de serenidade e luz. O animal carniceiro produz hoje abnegados tipos que defendem o débil, fazem-se paladinos da justiça e se inoculam enfermidades para encontrar o meio de combatê-las. O selvagem, antes feliz com dormir, comer e procriar, escreve a Ilíada, ergue o Partenon e mede o curso dos astros.

Nenhuma luz sôbrehumana nos alumiou em nossa noite, nenhuma voz amiga nos animou em nossos desfalecimentos, nenhum braço invisível combateu por nós na guerra secular com os elementos e as feras. O que fomos, o que somos, devemos a nós mesmos. O que possamos ser deveremos a nós também. Para marchar não necessitamos olhar para cima, mas adiante!

Ninguém tem direito de repetir misérias e puerilidades; todos vivemos na obrigação de pronunciar frases que levantem os pensamentos e fortaleçam os corações.

O nível da espécie humana sobe muito lentamente, porém sobe. E a ascensão se verifica, não porque a multidão inicie o movimento, mas porque uns poucos indivíduos de bôa vontade surgem de quando em quando para condenar o egoismo inumano e sustentar que, sôbre as conveniências materiais, devem colocar-se os sentimentos magnânimos encadeados pelas idéias elevadas, o que gràficamente falando quer dizer que acima do ventre se acha o coração e acima do coração a cabeça.

Estamos caídos, mas não cravados contra um rochedo; mutilados, mas não impotentes; esgotados, mas não mortos. Um pouco mais de energia, um arrôjo de fôrças e nos veremos em condições de atuar com eficácia. Sejamos uma perene ameaça, já que não podemos ser mais. Com nosso rancor sempre vivo, com nossa severa atitude de homens, mantenhamos o inimigo em contínuo soçôbro.

Quem não levanta sua voz é porque nada tem que dizer.

Abre os olhos, deixa o horroroso pesadêlo de sangue, porque o século avança com passos gigantescos, e tens muito caminho por percorrer, muita ferida por estancar, muita ruina por reconstruir.

GONZALEZ PRADA.

O Dolar, o Esterlino e a Economia Capitalista

Por MANUEL PERES

Discutem neste momento os chamados líderes economistas, o contraste existente entre o valor internacional do dólar, e a desvalorização da famosa libra esterlina, que foi, durante muito tempo, o fiel da balança no intercâmbio internacional. Todo o mundo quer dólares, pois todos julgam que o valor da moeda americana tem sua base nas formidáveis reservas de ouro existentes na terra de mister Truman, critério êste que não obedece à realidade, já que o ouro nada representa se não existe como garantia uma produção perfeitamente organizada. A moeda, quer seja dólar, libra, franco ou cruzeiro é apenas um instrumento de intercâmbio criado pelo regime capitalista, e o seu valor aumenta ou diminui de acôrdo com a capacidade produtiva do país de origem.

A realidade do momento é que como consequência da última guerra, o mundo vive em franca bancarrota econômica já que, durante cinco anos, todos os esforços humanos foram empregados na fabricação de instrumentos de morte diminuindo de forma alarmante a produção de matérias primas e dos artigos indispensáveis à existência do homem. A Europa, começando pela Inglaterra, vive momentos de amargores, em estado de verdadeira miséria, pois a produção é insuficiente para as necessidades do consumo. Daí o empenho existente de adquirir, no exterior, os produtos indispensáveis à sua existência, e quem pode fornecê-los é justamente a América do Norte que dispõe de uma economia sòlidamente organizada. A verdade é que, tanto nesta como na guerra anterior, quem ganhou a batalha final, enriquecendo de forma fabulosa foi a América do Norte; os outros, mesmo os do bloco aliado, acabaram perdendo e ficaram mais pobres que antes. Tio Sam, como excelente negociante, diz aos seus amigos: "Eu vendo o que quiserem porque a minha produção é formidável, porém devem pagar-me em dólares, porque a libra, o franco, o cruzeiro e outras moedas não me interessam já que vocês não têm produção suficiente para valorizá-las nem dispõem de artigos cuja importação seja útil para o comércio dos Estados Unidos. Logo, nós concluimos lògicamente que o dólar, quer seja ouro, quer seja papel, só vale porque existe produção e sem ela passaria ao rol das coisas inúteis.

O verdadeiro capital

Como não vale a pena perder tempo em calculos matemáticos para analisar as contradições da economia capitalista, vou falar um pouco das experiências vividas na Espanha, antes e durante a guerra provocada pelo fascismo internacional. Numa visita que fiz em 1935 à cidade agrícola de Carmona, na província de Sevilha, quando, após uma palestra no sindicato local, acudimos ao café, tive ocasião de ouvir um diálogo muito interessante. Certo proprietário de terras perguntou a um lavrador pobre qual era o preço em vigor para um quintal de trigo, ao que êste respondeu que era de 42 pesetas mais ou menos. O proprietário, que tinha o hábito de comprar trigo a preço baixo para enriquecer à custa dos pobres lavradores, exclamou com muita ironia: "São muitas pesetas para tão pouco trigo", ao que o operário, sem perder a calma, respondeu com grande energia: "O quintal de trigo vale mais que as tuas 42 pesetas, porque êle, alimento indispensável ao homem, é o verdadeiro capital já que, sem produção, sem o esfôrço humano, não teriam valor as vossas pesetas". "Como és ingênuo! — respondeu o proprietário. Com pesetas eu compro terras, alugo braços proletários, cultivo as mesmas e consigo milhares de quintais de trigo, e êsse trigo dará margem à conquista de mais pesetas, o que prova que o capital é o dinheiro".

Muito bem — concluiu o operário. Fica com as tuas pesetas e pensa o que farias com elas se todos os camponeses nos negássemos a cultivar as tuas terras, porque neste caso, faltando-te o braço proletário, terias pesetas, porém carecerias de trigo. E nós — prosseguiu o trabalhador — trabalhando em comum, cultivaremos com carinho as terras de que dispomos e, semeando nelas o grão, teremos trigo em abundância e, com êle, o pão de cada dia, e, ao mesmo tempo, se quisermos podemos transformá-lo em pesetas ao passo que tu, tendo pesetas, nem sempre poderás adquirir os alimentos indispensáveis à tua existência. Logo, meu amigo, o capital é o trigo e não a peseta.

A Realidade

Em 1938, já quase no fim da guerra, que Franco ganhou graças à covardia internacional, eu me encontrava na pequena cidade de Baza, província de Granada, onde, ao verificar diretamente a inutilidade do dinheiro para organizar a vida humana, recordei as palavras do lavrador de Carmona. Naquela época, a falta de víveres e outros artigos necessários à existência era verdadeiramente alarmante, a tal ponto, que tudo estava racionado e a distribuição era feita de forma equitativa pela própria municipalidade. No campo, a situação era mais favorável já que a maioria dos agricultores estavam agrupados em Coletividades Agrícolas mantendo igualmente as Cooperativas de Produção e Consumo. E' certo que, tendo embora regular abundância de produtos agrícolas, careciam de outros artigos que deviam procurar nos centros industriais, entre eles, roupas, calçados, medicamentos, adubos químicos, etc. Todas as semanas, principalmente aos sábados e domingos, muitos camponeses, homens e mulheres, acudiam a Baza afim de oferecerem os seus produtos, que consistiam em ovos, galinhas, leite, queijo, frutas e quanto a terra produzia de útil para alimentação do homem.

Perguntando um dia a uma camponêsa quanto queria por uma dúzia de ovos, um queijo e uns quilos de frutas, ela respondeu com um sorriso irônico nos lábios: — *"Dinheiro não!... Eu, desde que começou a guerra tenho bastante e não me serve para nada, é um traste inútil sem o menor valor prático e aquisitivo. Nós os camponeses preferimos a troca dos produtos agrícolas por outros de que carecemos nas coletividades."* E continuou: — *"Dê-me um pouco de sabão, uns metros de fazenda, agulhas, linha, algo enfim que tenha utilidade para nós, e, sem entrar em detalhes sôbre o valor monetário dos produtos, faremos a troca..."*

Assim foi. Dei um pouco de sabão, café em pó, uns carreteis, de linha e um par de sapatos, recebendo em troca produtos agrícolas em abundância, averiguando depois que toda a cidade fazia o mesmo para enfrentar as suas necessidades. Todos os habitantes de Baza, quer manuais, quer intelectuais, pertenciam ao respectivo sindicato, condição indispensável para ter direito à Carteira de Racionamento, e todos, inclusive os que por idade, invalidez ou doença, não podiam trabalhar, tinham os mesmos direitos que os que podiam prestar o seu concurso à coletividade.

Eu, que vivi as experiências da guerra espanhola e vi de perto as grandes realizações daquele povo maravilhoso, que ao mesmo tempo que lutava heróicamente pela sua liberdade, organizava com admirável capacidade construtiva a sua própria economia, verifico claramente a bancarrota do regime capitalista, que, apesar das guerras que provoca e das experiências que realiza, não consegue consolidar o seu sistema de opressão e tirania. E, assistindo à luta pela conquista do dólar, eu pergunto aos economistas dêste regime decadente:

— Que vale o dinheiro?!...

— Qual é o capital?...

O anarquismo através do mundo

Noticiário fornecido pelas Associação Internacional dos Trabalhadores e Comissão de Relações Internacional Anarquista

Alemanha (CRIA) — De Colônia, na Alemanha ocidental, nos informam que os militantes da Federação Socialista Libertária resolveram constituir uma Federação das Juventudes Libertárias contando com numerosos grupos em várias cidades da Alemanha. A educação da juventude alemã num espírito libertário e internacionalista é de suma importância, de modo que nos congratulamos com os militantes da Alemanha e desejamos todo êxito possível em suas atividades.

★

Equador (AIT) — O movimento obreiro neste país é de tendência política e legalista. Entretanto se constituiu uma agrupação Sindical Libertária, cujo plano de trabalho se pode sintetizar na seguinte declaração: (A) Lutar em todos os sindicatos contra a influência política de tôdas as côres. (B) Lutar por melhora imediata de salários. (C) Independência sindical da Secretaria do Trabalho. (D) Propaganda pela Ação Direta, e finalmente: (E) Fazer de cada sindicato uma escola de superação cultural e moral, a fim de criar as condições espirituais e técnicas para uma sociedade baseada no apoio mútuo, amor e respeito.

Inglaterra (AIT) — Os trabalhos para a formação de uma secção da AIT na Inglaterra continuam. Os militantes britânicos esperam poder realizar um congresso êste ano; já foi nomeada a comissão encarregada de preparar e convocar o congresso anarco-sindicalista.

★

Rumânia (CRIA) — Dezenas de militantes dos sindicatos foram detidos, entre os quais se encontram numerosos fundadores do movimento sindical na Rumânia.

★

Hungria (CRIA) — Mais de vinte mil operários ferroviários foram expulsos pelos comunistas, que desta maneira conseguiram o contrôle das estradas de ferro.

★

Itália (CRIA) — Em Calitri, mais de cinquenta camponeses estão apodrecendo nos cárceres, por haver reivindicado um pouco mais de pão; só os anarquistas os defendem, o que não nos admira, pois TOGLIATI, chefe bem amado dos stalinistas italianos, e ministro da Justiça, já libertou a numerosos fascistas e mantém no cárcere nosso camarada POLIASTRO que durante os últimos dias de Mussolini abateu a vários fascistas que o queriam deter.

★

Alemanha (AIT) — Os militantes anarquistas na zona soviética são detidos pela NKVD sem causa justificada; sabe-se que mais de cem anarquistas estão nos calabouços da GPU em DRESDEN e mediante torturas se pretende que "confessem" crimes fabricados pelos esbirros de Stalin. Os familiares dos detidos são tratados como inimigos. Assim procedem os "revolucionários" que traíram a greve ferroviária de Berlim.

"A DOUTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS"

Dispomos ainda de certa quantidade dêsse livro do companheiro José Oiticica. Aconselhamos sua leitura àqueles que se interessam pelos ideais anarquistas. Encontra-se à venda, ao preço de Cr$ 12,00, na nossa redação e na banca de jornais da Galeria Cruzeiro (lado do Monroe). Na mesma banca está à venda o vibrante semanário anarquista de Paris "Le Libertaire".

Figuras do...

(Continuação da 1.ª página.)

Meses depois, deixáva-o alí o último companheiro; e foi sòzinho que êle seguiu a marcha para o Norte, em direção ao Pará, escrevendo a Neno Vasco em 5 de Agosto de 1910, de Conceição do Araguaia, a sua última carta, a anunciar a aproximação da morte. Mais tarde, era o desastre confirmado. Em vão Neno Vasco lhe pediria, em longa carta, que regressasse de Leopoldina, em vista dos grandes perigos da empresa. Na mesma carta a Neno Vasco dizia estar quási pronto o relatório de suas observações, mas, provavelmente, tendo êle sido acolhido por padres dominicanos, êstes sonegaram aquele escrito, que deveria ser notável. Do muito que dêle era legítimo esperar, além de numerosos artigos dispersos por jornais e revistas não nos deixou senão uma pequena obra-prima de propaganda, "O Evangelho da Hora", cujo original veio de Leopoldina com uma carta a explicar que se tratava de uma fantasia nascida nestas solidões lúgubres de Goiás".

Nêsse opúsculo, do qual publicamos, nêste mesmo número, os dois primeiros capítulos, há idéias nítidas e limpidamente expostas. Cada conceito é expresso em fórmulas sóbrias, recortadas, que o fazem ressaltar fortemente, que o fixam na mente, que o gravam na retina. No "Evangelho da Hora", a forma fala ao coração, e o fundo à inteligência. Atinge-se o cérebro através do sentimento. Não ha melhor meio de falar aos simples, aos neófitos.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A ETERNA COMÉDIA

Por CHICOTINHO

O nascimento da nova ordem social, que os politiqueiros batizaram como "Democracia do Povo", foi entusiasticamente aplaudido e louvado por todos os espertalhões, que foram os mentores da opinião popular durante o Estado Novo. Aconteceu que, de um momento para outro, êsses mesmos impostores políticos, apoiados pela imprensa venal e pelo clericalismo, que moralmente justificaram a ditadura de Getúlio, condenaram com impetuosidade a democracia dirigida e começaram a glorificar a nova ordem levando assim uma grande parte de ingênuos a acreditar que essa tranformação seria o verdadeiro regime de liberdade. Cheios de esperanças aceitaram a "democracia verdadeira".

Mas, até o mais fanático democrata não pode sempre cantar, aplaudir e agitar lenços e bandeirinhas para manifestar sua solidariedade aos novos homens, que em realidade são da mesma velha camarilha.

Quando começaram os novos homens a manobrar a máquina enferrujada do Estado, que Getúlio lubrificou, compreendeu o povo que nem tudo que brilha é ouro e, então, se convenceu de que a liberdade e o bem-estar prometidos eram pura ilusão. Com extranheza verificaram que a liberdade de crítica é limitada, pois para protestar é necessário falar bem baixinho.

Viram que os democratas em outros países, protestaram em altas vozes, organizaram passeatas e comícios e viram também, que para fazer coisa semelhante aquí, era preciso uma licença, senão a polícia especial mostraria o que é democracia.

Quando o aventureiro político, vindo dos pampas do Rio Grande, instalou sua traição dirigida, convenceu os eternos ingênuos com palavras messiânicas, de que descobrira o meio de fazer a felicidade do povo. Mas, quando começou a lubrificar o maquinismo enferrujado do Estado, o povo percebeu que a liberdade e a felicidade que o impostor prometera era pura ilusão.

Para realizar o bem-estar geral levou o povo pelo mesmo caminho, trilhado por outro povo que tinha sido iludido por um seu amigo "do peito", que usava um emblema exquisito no braço: espécie de cruz deformada, que tinha muita coisa em comum com as cruzes das igrejas. Quando o povo notou que as obras da democracia dirigida só ergueram cruzes no cemitério e enchiam as prisões, começou a descrer de tais obras e de tais cruzes e começou a escrever frases pelas paredes, contrárias à ditadura, indagando: "Quando virá a Democracia do Povo"? — Era a única questão que interessava ao povo.

Porém o ditador não tinha interêsse algum por tais perguntas, que, a seu ver, eram contrárias à segurança da pátria — a pátria representava êle mesmo — por isso decretou a cadeia e a tortura para todos aqueles antipatriotas que se interessavam por tais problemas. A cadeia é, como todo o mundo sabe, o lugar onde as questões sôbre a liberdade são decididas.

Aconteceu que de um momento para outro, traiu também o amigo de além-mar e entrou na cruzada libertária e dela só saiu quando foi derrotada a democracia nazi-facista.

Passada a guerra ouvia-se, vindo de tôda a parte do globo a palavra: Liberdade. Os exércitos aliados libertavam os povos (segundo se ouvia dizer) e os militares aqui fizeram uma revi-ravolta e livraram o povo do "Pai dos pobres".

Bufaram de alegria os generais, os padres, os politiqueiros e os capitalistas, puseram-se em campo a gritar: Viva a liberdade do povo! levando assim, grande parte do povo a acreditar que se realizaria imediatamente tudo que êles haviam prometido — e não prometeram pouco.

Mas à embriaguez seguiu-se a desilusão e, como conseqüência, o descontentamento geral, pois a democracia trouxe também uma cruz bem pesada que o povo é forçado a carregar: a ambição dos politiqueiros, a violência que se conservou do outro regime e a corrupção.

A máquina enferrujada do Estado, lubrificada pelos representantes do povo, em vez de fabricar decretos, agora fabrica leis em série e a polícia usa os mesmos métodos opressores do Estado Novo para conservar a liberdade do povo. Êste trabalha e sente fome como antes, escreve nas paredes como no tempo do Getúlio, e se antes lhe era proibido manifestar os seus desejos, o mesmo acontece agora. De 100 indivíduos, 99 são forçados a viver na miséria para que um possa viver faustosamente. E, como na era da democracia dirigida, há bebês que nascem milionários e trabalhadores que depois de trabalharem tôda a existência para aumentar a fortuna dos parasitazinhos morrem num asilo ou numa beira de calçada.

A ditadura era uma tragédia e a democracia uma comédia executada pelos mesmos artistas.

A GUERRA...

(Conclusão da 1.ª pág.)

na tribuna de honra, ao lado do chefe vermelho. E' verdade que o dito bispo teve um desaguisado com o papa de Roma e, talvez por isso, tentou aproximar-se do papa de Moscou. Poderá dizer-se que não é muito romano; mas católico é, com certeza, pois teve a bizarra idéia de fundar a Igreja Católica Brasileira.

Na campanha eleitoral do partido comunista, apareceram autênticos padres católicos nos comícios de propaganda, fazendo discursos demagógicos sincronizados com os dos chefes vermelhos. O líder do partido anunciou, publicamente, num comício, que os comunistas não hostilizavam o catolicismo, e, se algum militante do partido o tinho feito, era seu dever retratar-se. Foi com votos dos eleitores comunistas que se elegeram alguns governadores muito bons católicos, apóstolicos, romanos.

Há pouco tempo, anunciaram as gazetas que, numa cidade do Norte, uns patuscos comunistas haviam chamado a si a gloriosa tarefa de reconstruir a igreja local! E será a tão bons e fiéis servidores do catolicismo, que Sua Santidade vai condenar, sem remissão, suas almas piedosas às penas eternas do Inferno?...

Mas não ha-de ser nada. O drama que as trombetas do Vaticano anunciam, está fadado a degenerar em comédia. Não haverá mais mártires para o calendário, fabricados pelos neo-pagãos do "comunismo ateu". A Igreja possui um formidável estoque, e a superprodução desvaloriza a mercadoria.

O Vaticano vai dar um jeito de se entender com o Todo-Poderoso que tudo manda por trás da "cortina-de-ferro".

Os bispos ortodoxos também estrilaram quando a revolução social estava em marcha na Rússia, mas quando perceberam que os burocratas bolchevistas a estrangularam, ficaram tranquilos, caladinhos e muito bem acomodados, ao contrário dos pioneiros da revolução, que foram todos presos, deportados ou fuzilados pelos atuais ditadores bolchevistas.

A Igreja Católica, que foi e é aliada do fascismo de diversas côres, por que não poderá sê-lo também do fascismo vermelho? Questão de côr é bobagem! Desde que o imperador pagão Constantino aderiu ao Cristianismo e lhe deu mão forte, o Vaticano tem sido aliado de todos os tiranos que reinaram na sua órbita de influência espiritual, ajudando-os a oprimir e explorar o povo e reservando para si a parte do leão.

Afinal, não há razão substancial para guerra entre o papa de Roma e o de Moscou. Os antagonismos são aparentes. Ambos têm os mesmos fins e usam os mesmos meios e táticas para conseguí-los. Ambos atraiçoam, oprimem e exploram. Um atraiçoa a Marx, outro renega a Cristo; um promete aos seus crentes um paraíso terreno, imediato, com a ditadura do proletariado; outro, o paraíso celeste, para depois da morte. Em nome da liberdade, exercem a tirania; em nome da igualdade, a exploração do homem pelo homem; em nome da fraternidade, fomentam e apoiam guerras fratricidas. Ambos têm almas escuras, crestadas pelo fogo da ambição.

Lênin e Marx disseram que "a religião é o ópio do povo". Os ditadores precisam dêsse ópio para entorpecer a alma dos escravos que exploram. A Igreja Católica pode fornecê-lo com excelentes qualidades anestésicas. E' questão de preço. Fechem negócio e desça o pano sôbre essa pantomina. Abafem com o ouro sugado do trabalho escravo a voz estridula da hipocrisia, que só tem ressonância no cérebroôco dos pobres de espírito.

Antonio Sá

O ANARQUISTA

O anarquista é um idealista de pura gema. Tanto que é um amante ardente da Verdade, da Liberdade e da Justiça. E como homem de muitos bons sentimentos é extremamente sensível aos sofrimentos da humanidade. Por isso é um revoltado consciente contra a sociedade burguesa, que julga responsável por todos os sofrimentos morais e físicos de seus semelhantes. Mas como tem profunda convicção de que as causas determinantes dos sofrimentos da humanidade, podem e devem ter um fim pela radical transformação da sociedade em que vivemos, com desassombro e denodo luta por derrubá-la e, sôbre suas ruinas fumegantes, ver surgir triunfante a ANARQUIA.

O advento da Anarquia será um grande bem para todos os explorados e oprimidos. É que, abolido o privilégio, alicerce da sociedade burguesa, deposta a classe rica, reduzidos à inocuidade os exploradores e tiranos, os trabalhadores, emancipados de todos os preconceitos, políticos, religiosos e sociais, desembaraçados dos líderes, trambolhos que lhes estorvam a vida, hão de viver de fato livres e felizes sôbre a terra redimida. Livres, não delegando mais poderes a terceiras pessoas, mas fazendo tudo por suas próprias mãos; de posse dos instrumentos de trabalho, das terras, das fábricas, das oficinas, e, regularizadas as horas de trabalho em condições mais livres e humanas; conscientes de seus direitos sociais, hão de produzir com mais fartura afim de abastecer a Comunidade.

Numa Sociedade assim, de produtores livres e eficientes, haverá sempre abundância de todos os gêneros indispensáveis à vida. Não haverá, portanto, miséria e fome. Pelo contrário, todos serão bem alimentados e bem vestidos e possuirão casas de moradia, confortáveis e higiênicas. Mas, na Anarquia, não será tudo uma questão de pão. E' que também será uma questão moral. Tanto que, em plena Comunidade anárquica, não se descuidará a educação do povo. A educação do povo será considerada como a mais importante das necessidades da vida. De modo que, os anarquistas, baseados nesses pontos de vista, hão de fundar por tôdas as partes até os pontos mais afastados, muitas Universidades, Escolas, Academias de Ciências, de Belas Artes, de Música, de Literatura, etc. E, naturalmente, como isso tudo nascerá da espontânea e livre iniciativa, sem espírito mercantil, porquanto, na Anarquia não haverá comércio de espécie alguma, serão essas casas de ensino franqueadas ao povo. Mas as Faculdades de Direito e os seminários, que são fábricas de parasitas sociais, as escolas e colégios militares, as casernas, que são ambientes deletérios onde se aprende o estúpido desapêgo à vida e se cultiva o crime, as igrejas de todas as religiões, que são depositárias das mentiras religiosas, os lupanares, tanto do alto como do baixo bordo social, as tabernas e as casas de jogatina, que são antros de depravação moral,

(Conclui na 2.ª página)

A SOCIEDADE LIBERTÁRIA

Por JORGE BASTIEN

4. O CAPITAL

Queremos suprimir o direito individual de propriedade e suas consequências: capitalismo, capital financeiro, patronato e salariato, comércio, renda e todas as outras formas de exploração do homem pelo homem, as quais permitem aos privilegiados viverem luxuosamente e sem preocupações, com prejuízo dos que produzem.

Proudhon definiu o direito de propriedade como "direito de impôsto transmissível do trabalho dos outros e da circulação dos produtos". Isto é de fato a verdade.

Protegidos pelas instituições políticas e por uma moral servil disfarçadamente aconselhada ao povo, os privilegiados decretaram que as riquezas naturais — que ninguém produziu — e as riquezas sociais — fruto do trabalho de todos — só a êles pertencem. Apoiando-se firmemente no direito de propriedade, êles exigem da sociedade rendas, aluguéis, dívidas, juros, dividendos, etc.

O que desejamos suprimir é êsse sistema de roubalheira organizada. Não se confunda: não é o capital material (terrenos, construções, fábricas, máquinas, produtos), que desejamos fazer desaparecer; é, sim, o direito à exploração, de que se aproveitam nossos patrões.

Nós desejamos reintegrar o povo na posse de suas riquezas, da qual foi privado por roubo, violência, embuste, ardil e demais recursos usados pelos patrões — riquezas criadas por seu próprio trabalho, de seus antepassados ou da natureza. Suprimam êsse horrível sistema de exploração e tornem comum tôdas as propriedades.

Nós somos comunistas libertários, partidários da propriedade social, pois somos de opinião que não é possível atribuir a um só homem ou grupo de homens o produto do trabalho, porquanto, na nossa época de interdependência econômica, na qual a produção do menor objeto põe em movimento todo o mecanismo social, o produto é da sociedade e não individual. Por outro lado, não se pode aceitar que alguns homens se declarem possuidores de algo, tomando a melhor parte, enquanto outros ficam com o pior ou nada. Isto seria restaurar a causa da concorrência e do conflito.

Quando nos declaramos contrários ao direito de propriedade, não nos referimos aos objetos de uso individual: roupas, objetos pessoais e mesmo casa. O novo contrato social respeitará em todos os objetos a liberdade de todos. A propriedade social será a socialização dos meios de produção, de transporte, de comunicação, em suma, dos instrumentos de trabalho. Em vez de serem privativos de alguns, êles pertencerão a todos, e as associações dos produtores, dos trabalhadores em fábricas, dos trabalhadores no campo, dos empregados técnicos, de organismos dos consumidores e utilizadores substituirão, com vantagem para o bem comum, os possuidores, arrendatários, patrões, financistas, comerciantes, etc.

No próximo n.º: "A nossa moral".

Quem São os Sensatos?

E. LANTI

— Muito simpatizo com êsse movimento e concordo plenamente em que o esperanto é necessário à classe operária, mas essa língua só poderá ser útil, de fato, quando seu ensino fôr obrigatório nas escolas de todos os países.

— !!!??? ...

— Não se assuste. Falo-lhe como homem experiente nas questões operárias.

Desta maneira opinava um eminente chefe do movimento proletário. Todos nós sabemos muito bem que tal raciocínio é típico dos apenas "simpatizantes" de nossa língua. Simpatia é, com efeito, uma bela cousa! Qualquer pessoa a quem nos dirijamos responderá que ama a paz e detesta a guerra, a qual motiva tanto sofrimento, tanta ruína, etc., etc. Sôbre êste tema poderão falar, patèticamente, horas e horas, pessoas "eminentes". Mas pergunta-se: Para evitar a guerra, concorda com o desaparecimento de "sua" pátria, com a fusão dela numa unidade maior? Então êle olhá-lo-á com repulsa, como se você fôsse um herege digno da fogueira, que não merece sequer resposta.

Oralmente deseja-se a paz; porém, nas ações, prepara-se a guerra; deseja-se introduzir o esperanto nas escolas, mas para atingir o objetivo, nada se faz. Até com certa compaixão se olham os esperantistas que dispendem tempo e energia para aprender e ensinar a língua — que só será útil quando fôr obrigatòriamente estudada em tôdas as escolas... Nós somos fantasistas, enquanto os "simpatizantes" do esperanto são pessoas sensatas, pois se ocupam, apenas, de cousas "sérias" e "práticas". Êles se consideram os inteligentes e nos têm como imbecis.

Esta espécie de "sensatos" na realidade o que são é místicos. Êles acreditam que, um belo dia, por milagre, o esperanto será ensinado nas escolas; por milagre, os professores de tôdas as escolas adquirirão a capacidade de ensinar a língua; por milagre, as pessoas começarão a falar o esperanto fluentemente; por milagre, surgirão os escritores capazes de dar à nova língua alma, sentimento e tradição digna de ser seguida...

Em face disto, devemo-nos convencer mais e mais fortemente de que somos nós os sensatos, pois, racionalmente, executamos trabalho positivo, construimos e não contamos com planos sôbre fatos milagrosamente realizáveis no futuro.

O EVANGELHO DA HORA

PAULO BERTHELOT

CAPÍTULO I

1. "Eu vi, eu ouvi um homem, que prègava pelos campos, pelas aldeias e pelas cidades.
2. E que dizia: "Eu não sou aquele que marca a Hora, mas venho anunciar a Hora próxima.
3. "Aquele que marca a Hora vem atrás de mim, é maior do que eu, é mais forte do que eu.
4. "POVO é seu nome, e nêste momento está dormindo.
5. "Mas eu sei que vai despertar, e será então que êle há-de marcar a Hora.
6. "Não virá prègar palavras inermes, mas sangue e fogo será o seu sinal.
7. "Porque êle imolará a vaca estéril, e a má semente será lançada ao fogo.
8. "Então muitas coisas serão mudadas de alto a baixo, e os primeiros serão confundidos entre os últimos.
9. "Bemaventurados os que nêsse tempo estiverem prontos, porque será chegado o dia do seu reinado.
10. "Bemaventurados os pobres, porque nada terão que perder, e tudo terão que ganhar. Bemaventurados os que servem, porque saborearão o ar fresco da liberdade.
11. "Bemaventurados os que têm fome agora, porque serão saciados; bemaventurados os que choram hoje, porque terão motivo para rir.
12. "Mas ai dos que não estiverem prontos, porque hão-de gemer: — É demasiado tarde! é demasiado tarde!
13. "E alguns hão-de querer fingir, e tentar dizer: — Aqui estou, eis-me pronto!
14. "Mas a voz extinguir-se-lhes-á na garganta, e sôbre êles passará a morte.
15. "Então ai dos ricos, porque tudo perderão; ai dos que mandam, porque ninguém lhes obedecerá!
16. "Ai dos que se locupletam com o supérfluo, porque mesmo o necessário lhes faltará; ai sobretudo dos que riem agora, porque terão motivo para chorar!
17. "Ora, eu vos digo: preparai-vos desde já, porque eis aproximar-se a Hora;
18. "Para que no peito vos não trema o coração, e não se vos perturbe o espírito;
19. "Mas sim folgueis com regosijo, e saibais o que vos cumpre fazer.
20. "Desprendei primeiramente o coração dos bens pessoais, e não penseis em trabalhar para vosso exclusivo proveito.
21. "Porque aquele que busca a sua riqueza pessoal — perdê-la-á; e aquele que a ela renuncia — ver-se-á rico.
22. "Porque aquele que quer ser rico — tornar-se-á inimigo de todos, e o que diz "nada tenho!" — será rico de todos os haveres comuns.
23. "Aquele que quer trabalhar para seu exclusivo proveito — nada de bom nem duradouro pode fazer:
24. "Não ousa plantar uma árvore, nem edificar uma casa, porque muitos outros as gozarão depois dêle, amanhã talvez.
25. "Mas aquele que trabalha para todos — do trabalho de todos aproveita.
26. "Porque nêsse tempo nada pertencerá a êste ou àquele — mas tudo pertencerá a todos.
27. "Sufocai também os pensamentos de orgulho e de desprêzo e de domínio sôbre os vossos semelhantes.
28. "Porque o que pretende sentar-se no primeiro lugar — será repelido para o último e confundido entre a multidão.
29. "E aquele que pretende elevar-se sôbre os outros e mandar — sofrerá a afronta da recusa de obediência.
30. "Porque nêsse tempo ninguém mais obedecerá aos homens — mas ùnicamente à razão".
31. Assim falava êsse homem — e em tôrno dêle se agrupava gente.
32. Perguntando: "Que nome é o dêle? qual a sua pátria?" e "Que Hora é essa de que êle fala?"
33. Mas êle disse: "O meu nome é: Alguém; a minha pátria: a Terra; e a Hora que eu anuncio é a do ajuste de contas".

CAPÍTULO II

Indo a passar por uma aldeia, juntaram-se em volta dêle os camponeses.

2. E disseram-lhe: "Tu, que anuncias a Hora, dize-nos o que se deverá fazer então".
3. Êle disse-lhes: "Quando soar a hora, reuni-vos e regosijai-vos em comum.
4. "Matai o porco e a bezerra gorda, e tirai da adega o bom vinho.
5. "E ponde uma grande mesa na casa comum, e saciai-vos, e divertivos todos juntos.
6. "Aquele que viva em casa sua, lá fique, e o que viva em casa alugada, deixe de pagar a renda.
7. "E quem não tenha casa convoque os outros e lhes diga: — Ajudai-me a construir a minha casa!
8. "Aquele que tenha um campo, cultive-o; aquele que tenha um ofício, exerça-o — dê a abelha a cera e o mel que possa dar.
9. "E na Casa Comum tende dois livros, em que cada um virá escrever:
10. "No primeiro, o que pode dar; no segundo, aquilo de que precisa.
11. "E dai a cada um aquilo de que êle precisa, tanto quanto for possível — sem medir o que êle pode fornecer.
12. "Porque o forte não tem mérito por ser forte, nem o fraco culpa de ser fraco;
13. "Nem o hábil mérito por ser hábil, nem o desajustado culpa de o ser;
14. "Mas cada um deve ser julgado segundo a sua boa vontade: quem fez o que podia está quite para com todos.
15. "Estas coisas já foram ditas — mas bem poucos as compreenderam: PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE.
16. "E se alguém for acusado de não fazer o que pode, ou de pedir mais do que as suas necessidades.
17. "Reuni os homens maduros e as mulheres de experiência e examinai o caso com benevolência e caridade.
18. "E perguntai-lhe se quer dar-vos as razões de assim proceder.
19. "E se êle não as der, deixai-o em paz, mas dai-lhe apenas o necessário.
20. "Mas se êle pretender ter o direito de ser ocioso e de viver à custa dos outros,
21. "Expulsai-o do vosso seio, e não o deixeis voltar, como foi dito; o ocioso irá viver alhures".
22. Ora, os camponeses disseram-lhe: "Mas a nossa aldeia não fornece tudo o que nos é necessário.
23. "Precisamos de roupas e de instrumentos de ferro e de coisas que só na cidade se fazem".
24. Perguntou-lhes êle então: "Consumis vós todo o trigo que ceifais, todo o azeite que fazeis?"
25. Êles responderam: "Não; todos os anos vendemos tantos sacos de trigo e tantas medidas de azeite."
26. Êle disse-lhes então: "Portanto, escrevereis aos da cidade: "A nossa aldeia pode dispor de tanto trigo e de tanto azeite,
27. "Mas necessitamos disto e daquilo" — do que dareis relação.
28. "E os da cidade farão o possível para vos dar o que precisardes, vendo que fazeis o que podeis segundo as vossas fôrças.
29. "Mas nêsse tempo virão a vós muitos homens e mulheres — que não quererão ficar na cidade.
30. "Uns, com discursos vãos e estéreis; outros, desejosos de trabalhar convosco.
31. "Mas vós os experimentareis pelos seus frutos, observando quais são as suas obras.
32. "E julgando cada um não pelo que êle diz, mas pelo que êle faz".
33. E os camponeses discutiam entre si — sôbre essa Hora que êle anunciava.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis